

Apresentação

Edson Rosa de Souza

Esta obra, composta por dois volumes, sendo o primeiro de natureza teórica e o segundo de base descritiva, apresenta ao leitor um conjunto de textos sobre o funcionalismo linguístico, com discussões voltadas para questões de gramática, texto e discurso, em especial para os possíveis diálogos que podemos estabelecer entre as referidas dimensões da linguagem, no português e em outras línguas, a partir de diferentes perspectivas teóricas: o Funcionalismo norte-americano, a Teoria de Gramaticalização, a Sociolinguística, a Gramática Discursivo-Funcional, o Cognitivismo e a Gramática Textual-Interativa. Os autores são especialistas em estudos da linguagem de universidades do Brasil e do exterior. Este segundo volume intitula-se *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*.

A obra destina-se tanto a alunos de graduação, pós-graduação e professores-pesquisadores dos cursos de Letras e Linguística quanto a estudantes e profissionais de outras áreas correlatas que tomam a linguagem como objeto de estudo e reflexão. O propósito deste volume é, pois, apresentar os novos desdobramentos do funcionalismo linguístico, e, ao mesmo tempo, divulgar os estudos de descrição funcionalista e tipológico-funcional desenvolvidos por pesquisadores da área funcionalista em âmbito nacional/internacional.

Os diversos temas tratados nos textos apresentados aqui refletem as várias possibilidades de estudo da linguagem admitidas pelo paradigma funcionalista, uma vez que os autores contemplam em suas discussões não somente as diferentes teorias (sócio)funcionalistas, no que tange aos princípios teóricos e procedimentos metodológicos de análise, como também as interfaces possíveis que podemos estabelecer com outras teorias. Os estudos de gramaticalização de palavras e cons-

truções linguísticas, desenvolvidos a partir dos princípios teóricos oriundos tanto do Funcionalismo/Cognitivismo como da Sociolinguística, e os estudos tipológicos (voltados para a descrição de línguas indígenas), desenvolvidos sob uma perspectiva tipológico-funcional (que sempre interage com os estudos da Antropologia e da Sociolinguística), constituem dois bons exemplos de diálogos entre teorias.

Este volume está organizado em duas partes. A primeira delas, denominada *Gramática, texto e discurso*, é composta por sete textos que tratam da análise e descrição funcionalista de diferentes fenômenos linguísticos em português e em outras línguas, tais como: multifuncionalidade categorial, frequência de uso e gramaticalização de itens e construções linguísticas, orações subjetivas, conjunções condicionais e estruturas apositivas. Já a segunda parte, intitulada *Funcionalismo e descrição de Línguas Indígenas*, é constituída por quatro textos de análise e descrição tipológico-funcional de aspectos gramaticais (morfo sintáticos e semântico-pragmáticos) de línguas indígenas.

Entre os estudos que tratam de questões sobre gramática, texto e discurso, em especial as formas de manifestação e codificação de informações gramaticais e as diferentes funções textuais e discursivas que itens linguísticos ou construções gramaticais podem desempenhar em uma língua, encontramos definições e aparatos teórico-metodológicos relativamente distintos. No entanto, apesar de se apoiarem em princípios teóricos variados e analisarem diferentes fatos linguísticos, os autores partem sempre de uma mesma concepção de linguagem, definida aqui como um instrumento de comunicação e interação social, em que os componentes sintático, semântico e pragmático são analisados de maneira conjunta.

No texto “Efeitos da criatividade e da frequência de uso no discurso e na gramática”, da primeira parte, Maria Maura Cezario traz uma revisão “sobre alguns dos mais importantes conceitos ligados à configuração da gramática e do discurso à luz da pesquisa atual da corrente funcionalista americana”. A autora faz uma síntese de algumas das principais contribuições do funcionalismo para o entendimento de dispositivos “presentes tanto na formação da gramática quanto na formação da macroestrutura textual”, focando os efeitos da criatividade e da frequência de uso (na criação de novos morfemas gramaticais, itens lexicais, novos gêneros discursivos etc.) no discurso e na gramática. Nesse ínterim, Cezario relata que as tendências de mudança de uma língua “muito provavelmente obedecem a padrões universais guiados pela cognição humana, que permitem ao homem resolver problemas linguísticos e não linguísticos, fazer inferências, criar e compreender metáforas, apresentar informações novas e velhas de diferentes modos, além de outros recursos”.

Com base na perspectiva teórica da gramática emergente de Paul Hopper (1987, 1988, 1998, 2008, 2011), Maria Alice Tavares analisa, no texto “Gramática emergente e o recorte de uma construção gramatical”, a construção gramatical denominada “sequenciação retroativo-propulsora”. Essa construção, segundo a autora, é muito utilizada no processo de “constituição do discurso” com o objetivo de estabelecer “uma relação coesiva anafórica/catafórica entre enunciados”, fato que permite classificá-la como uma construção rotinizada na gramática da língua. Ao analisar amostras de fala de Florianópolis (sc), Tavares identificou “como marcas linguísticas da sequenciação retroativo-propulsora os conectores sequenciadores *e*, *aí*, *dai* e *então*”, e mapeou cinco relações semântico-pragmáticas ligadas aos contextos de uso da construção em questão: sequenciação textual, sequenciação temporal, consequência, retomada e finalização. A autora mostra ainda que, em alguns contextos discursivos, há vários casos de sobreposição e de ambiguidade envolvendo essas relações semântico-pragmáticas. Para Tavares, são de contextos como esses que podem emergir novos usos para os conectores sequenciadores, que podem integrar a gramática do português brasileiro caso apareçam com frequência no processo de interação.

No capítulo subsequente, Maria Luiza Braga e Maria da Conceição de Paiva analisam a multifuncionalidade categorial e funcional da proforma *ai* do português. De acordo com as autoras, no português brasileiro, em especial nas situações de fala coloquiais ou semicolóquias, a palavra *ai* é usada em variados contextos, desempenhando papéis gramaticais e textuais diversificados. Além de usos *dê-íticos* e *endofóricos*, a proforma *ai* pode ser usada para sinalizar a vinculação de orações, auxiliar na organização do tópico discursivo e da interação verbal, e, ainda, atuar como marcador discursivo justapondo-se ao último elemento de um SN ou SV. Utilizando conceitos teóricos da Sociolinguística Variacionista e da Gramaticalização, Braga e Paiva analisam ocorrências de *ai* extraídas das amostras de fala do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (Peul), da Universidade Federal do Rio de Janeiro. As autoras mostram que a palavra *ai* atua nas esferas proposicional, textual e argumentativa da língua, investindo-se “de uma pluralidade de funções que a particulariza no conjunto das demais proformas adverbiais” locativas do português (*aqui*, *ali*, *cá* e *lá*).

O objetivo do texto “Um estudo discursivo-funcional de *assim*, *já* e *ai* no português falado do noroeste paulista”, de Edson Rosa de Souza, é analisar os diferentes usos de *assim*, *já* e *ai* no português falado dessa região (Banco de dados Iboruna), a partir do diálogo entre os postulados teóricos da Teoria da Gramaticalização (Traugott, 1995, 1999) e da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld

e Mackenzie, 2008). Em termos específicos, o autor mostra que o processo de gramaticalização de *assim*, *já* e *aí* no português falado do interior paulista pode ser analisado de acordo com os níveis e as camadas de organização da linguagem formulados pela Gramática Discursivo-Funcional.

Sebastião Carlos Gonçalves investiga, no texto “Orações subjetivas e mudança de padrões na história do português”, o comportamento de orações subjetivas na história do português. Segundo o autor, do ponto de vista morfossintático, orações subjetivas ocorrem como primeiro argumento de predicado verbal, nominal, adjetival ou de locuções predicativas, nas formas finita, não finita e nominalizada e em posição posposta. Em termos semânticos, constituem proposições ou eventos (estado de coisas), e pragmaticamente, “sobre seu conteúdo incidem avaliações e qualificações apreensíveis pela interação entre a semântica do predicado matriz e o formato da oração encaixada”. Para alcançar os seus objetivos, o autor utiliza como *corpora* amostras de fala (Projeto Nurc e Projeto Alip) e de escrita (Banco de dados Lexicográficos da Unesp de Araraquara) do português contemporâneo. Os dados do português histórico são de textos dos séculos XIII a XX, organizados por Tarallo (1991). A análise quantitativa (baseada nos critérios de frequência) realizada por Gonçalves aponta como relevantes para a pesquisa os parâmetros *categoria* e *valor semântico-pragmático do predicado matriz e formato da oração encaixada*. Os resultados indicam, segundo o autor, que enquanto na fase arcaica prevalece o emprego de predicados matrizes verbais epistêmicos combinados com orações finitas, “nas fases moderna e contemporânea [do português] prevalecem padrões formados por predicados matrizes adjetivais deônticos combinados com orações infinitivas”, mudança esta motivada “pela gramaticalização de padrões da oração encaixada”, em direção a um complexo oracional mais integrado.

Táisa Peres de Oliveira trata, no capítulo “As conjunções condicionais na Gramática Discursivo-Funcional”, do estudo das conjunções condicionais no modelo da Gramática Discursivo-Funcional a partir de dados do português e de outras línguas. Diferentemente do que apresenta a gramática tradicional, que “coloca todas as conjunções como elementos gramaticais”, a autora mostra que no português as conjunções condicionais podem ser divididas em conjunções gramaticais e lexicais. Oliveira mostra, por meio da análise de dados, que “a classificação categorial das conjunções como gramaticais não se aplica à classe das conjunções como um todo”. Apoiando-se em estudos realizados no interior da GDF, a autora assinala que é importante estabelecer uma distinção entre os estatutos lexical e gramatical dos conectivos, justamente para poder apresentar um tratamento adequado das conjunções adverbiais no português. Os dados re-

velam que é possível reconhecer um grupo de conjunções lexicais, que deve ser analisado como um subato de atribuição no nível interpessoal e como predicado adposicional no nível representacional.

Em seu estudo intitulado “Propriedades textual-discursivas da aposição não restritiva”, Márcia Teixeira Nogueira analisa as construções apositivas não restritivas, dando ênfase às propriedades textual-discursivas que essas construções apresentam em textos escritos do português contemporâneo. A partir do diálogo entre a teoria funcionalista e a Gramática Textual Interativa, a autora discute, inicialmente, a caracterização da aposição não restritiva como inserções parentéticas e, em seguida, lista algumas funções que o uso dessas construções desempenha relativamente aos processos de referenciação e de reformulação textual. Nogueira assinala que “a diversidade formal das construções apositivas não restritivas está associada a suas propriedades semânticas e pragmáticas”. Dessa forma, em correlação às propriedades relativas à referencialidade, à definitude e à especificidade, as construções apositivas não restritivas podem, segundo a autora, ser vistas como estratégias textualizadoras responsáveis pela gestão da referência e organização da informação.

Discutindo aspectos tipológicos, Angel Corbera Mori faz, em “Mecanismos morfossintáticos em línguas indígenas brasileiras”, uma exposição de algumas questões gramaticais das línguas indígenas do Brasil. Considerando, então, a diversidade de troncos e famílias linguísticas do país, que somam 231 etnias e 181 línguas (Rodrigues, 2006), o autor faz uma apresentação panorâmica de alguns processos morfossintáticos presentes em línguas indígenas do Brasil, tais como a reduplicação, a incorporação nominal, a serialização verbal, o uso de classificadores, e os sistemas de evidencialidade e de referência alternada, que ilustram as semelhanças e divergências de sistemas de codificação morfossintática entre as línguas indígenas brasileiras. Essa diversidade linguística constitui, nos termos de Mori, “um campo fértil para os estudos linguísticos, tanto teóricos e tipológicos como de descrição específica de cada língua”. A apresentação segue uma abordagem funcional-tipológica com base nos dados e resultados extraídos de diversos autores citados ao longo do texto. Os temas abordados pelo autor representam tópicos relevantes e que merecem, segundo Mori, um estudo mais aprofundado e sistemático, que permita aos linguistas avançar tanto nas comparações genéticas e areais quanto nas generalizações tipológicas das línguas indígenas brasileiras.

Rogério Vicente Ferreira apresenta, em “Aspectos tipológicos do *switch-reference* em línguas da família Pano”, uma reflexão tipológico-funcional do sistema gramatical de *switch-reference* em línguas Pano, definidas por Shell

(1975), Erikson (1992, 1994) como uma família linguística e culturalmente uniforme. Segundo Ferreira, os falantes da língua Pano ocupam os territórios do oeste peruano, do noroeste amazônico brasileiro e do nordeste boliviano, e a família conta com 38 línguas, incluindo as já extintas (Loos, 1999). Classificadas tipologicamente como aglutinantes, a ordem básica das línguas da família Pano é *sov* e o sistema de marcação de caso é o ergativo-absolutivo, características gramaticais que explicam o fato de o sistema de *switch-reference* ser atualizado por uma série de morfemas sufixados ao verbo. Em função da escassez de descrições gramaticais detalhadas, as línguas observadas por Ferreira são: Capanaua, Amahauca, Shipibo-Konibo, Matses e Matis.

No capítulo “Ergatividade, acusatividade e sistemas cindidos”, Valéria Faria Cardoso discute os sistemas de marcação de casos em línguas naturais, em especial as questões atinentes à ergatividade, à acusatividade e aos sistemas cindidos de marcação gramatical. Cardoso destaca que os estudos relativos à abordagem funcional, além de tratarem de características tipológicas de diferentes línguas do mundo, consideram ainda diferentes estratégias e critérios de codificação de caso, tais como os paradigmas verbais (transitivo/intransitivo), o sistema de concordância verbal (marcadores de pessoa), as funções gramaticais dos sintagmas nominais, a ordem de constituintes e o tratamento do padrão de alinhamento (ergativo, acusativo, cindido etc). Segundo Cardoso, a análise do sistema de marcação de caso de uma determinada língua, em orações simples, é importante para poder caracterizá-la como pertencendo a um dos seguintes sistemas: (i) ergativo-absolutivo, (ii) nominativo-acusativo, (iii) sistema tripartido; ou, então, (iv) a sistemas cindidos, que, segundo Dixon (1994), podem resultar em um sistema de cisão-S (*split-S*), ou em um sistema de fluido-S (*fluid-S*).

Encerrando o livro, o capítulo de Vitória Regina Spanghero apresenta uma descrição do sistema de referência espacial na língua matis (dêixis especial), pertencente à família linguística Pano do Amazonas (com aproximadamente 270 falantes). O estudo de Spanghero trata mais propriamente da dêixis espacial, com uma breve explanação da noção de dêixis e os sistemas de codificação de referência, como alguns aspectos dêiticos pessoais, temporais e espaciais. Com base nos trabalhos de Anderson e Keenan (1985) e Fillmore (1997), a autora mostra que, em matis, “os contrastes dêiticos são observados a partir da classe dos demonstrativos”. Spanghero assinala ainda que as referências espaciais podem aparecer também nas raízes verbais e em advérbios locativos, que indicam locação próxima ou distante do ouvinte e do falante, com três distinções para o contraste dêitico de distância. Outra dimensão de contraste, juntamente com os

itens locativos, é a posição da pessoa ou do objeto, indicada pelos verbos, que, conforme Spanghero, pode ser *vertical* ou *horizontal*.

Para finalizar, gostaria de agradecer a todos os autores e colegas que, mesmo estando sobrecarregados com tantos afazeres acadêmicos e trabalhos administrativos, aceitaram gentilmente o convite para fazer parte deste livro. Tenham a plena certeza de que todas as contribuições, aqui compartilhadas, serão de grande valia para o desenvolvimento da área de estudos linguísticos no Brasil e, em especial, para aqueles que apreciam o funcionalismo linguístico e os desafios que o estudo da linguagem em uso sempre nos coloca. Também quero agradecer aos membros do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF), da Unesp de São José do Rio Preto, coordenado pela Profa. Dra. Erotilde Goreti Pezatti, e aos integrantes do recente Grupo de Pesquisa de Estudos Sociofuncionalistas (GPES), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, coordenado pela Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira, pelas discussões funcionalistas sempre muito pertinentes e esclarecedoras.

Cabe registrar ainda o meu agradecimento ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da UFMS/Campus de Três Lagoas, e à Profa. Dra. Kelcilene Grácia-Rodrigues, pelo empenho profissional e pelas políticas de melhoria adotadas em prol do crescimento do Programa.

Uma boa leitura a todos.